CARCARÁ: A MIGRAÇÃO E PRESENÇA NORDESTINA EM MARINGÁ

Emily Arielle Alencar Nóbrega (PIC/UEM), Simone Pereira da Costa Dourado (Orientadora). E-mail: spcosta@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Antropologia/Antropologia Urbana

Palavras-chave: Memória; Pioneiros; Norte do Paraná;

RESUMO

O trabalho se inscreve no campo das pesquisas sobre migração nordestina e tem por objeto a influência desse grupo na formação da identidade cultural de Maringá, Paraná, desde sua fundação, em 1947, até os dias atuais. Investiga o fluxo migratório para a cidade e avalia seus impactos na ocupação territorial e na cultura local. A pesquisa é qualitativa e utiliza análise documental das fichas de pioneiros e dos jornais locais da época para traçar as características de um grupo numericamente expressivo, mas pouco referenciado na história oficial. Discute temas e figuras recorrentes da historiografia local, como o pioneiro e o capital estrangeiro, indicando os impactos da permanência desses migrantes nas manifestações culturais da cidade, como o Grupo Folclórico Anjos da Guarda. Com isso, a pesquisa evidencia a presença e a memória nordestina que permanecem vivas no cotidiano maringaense.

INTRODUÇÃO

O fenômeno das migrações nordestinas perpassa um longo caminho dentro da história nacional. A presença desses migrantes foi fundamental para dar corpo às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, produzindo uma cultura que agregava tanto as tradições dos estados de origem quanto a produção de novos costumes em outro território.

Nesse sentido, inspirado por pesquisas dentro da Sociologia e Antropologia que buscam entender a dinâmica dos meios urbanos, o trabalho investiga se a presença de migrantes nordestinos em cidades como Maringá poderia ter deixado marcas significativas na cultura local. A delimitação do objeto surge da necessidade de contribuir com um tema pouco explorado na historiografia maringaense, considerando que trabalhos realizados sobre a migração nordestina estão, em sua maioria, limitados aos números e aos estados do Sudeste do país.

O objetivo geral é descrever e analisar a trajetória e os efeitos da migração nordestina na cidade de Maringá, compreendendo sua contribuição para a formação da identidade cultural do maringaense e em que medida o migrante nordestino

colabora para a criação da figura do pioneiro maringaense. Está baseado em pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de análise documental.

MATERIAIS E MÉTODOS

Como aporte teórico da pesquisa foram utilizadas as duas dissertações produzidas por pesquisadores da região que discutem o tema, a primeira de Leticia Fernandes, que trata da presença e mobilidade desses migrantes nos anos de ocupação do município, e a segunda de Joel Cavalcante, que faz uma discussão sobre trajetórias de migrantes nordestinos e o pioneirismo local.
A pesquisa avaliou documentos fornecidos pela Gerência de Patrimônio Histórico do município, onde foi possível ter contato com fichas dos pioneiros da cidade e edições dos principais jornais do período de expansão de Maringá – A Folha do Norte do Paraná e O Jornal de Maringá. Para este segundo, foi disponibilizado um recorte temporal das edições de 1954 a 1963. Com isso, foi necessário dialogar com pesquisadores de referência, como os historiadores José Henrique Rollo Gonçalves e João Leal, que ajudam a entender o processo de ocupação do norte do Paraná.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No começo da pesquisa havia uma hipótese de que os nordestinos estariam excluídos da narrativa oficial, levando em conta que o grupo é raramente mencionado por autoridades maringaenses, que preferem creditar a participação de naturais de São Paulo e de Minas Gerais, além de imigrantes estrangeiros. A “colonização” do norte do Paraná foi planejada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), que tinha autonomia para divulgar e administrar as terras. Leal (2011) destaca que a influência do capital estrangeiro moldou fortemente a produção e o registro da história da região.
Nos jornais A Folha do Norte do Paraná e O Jornal de Maringá, enquanto buscava notícias que tratassem da migração nordestina, entre 10 páginas, pelo menos 7 faziam menção à empresa, sempre destacando as qualidades e benefícios de seus empreendimentos. Fernandes (2014) também destaca uma propaganda de 1936, publicada no jornal O Estado de São Paulo, que apresentava o Norte do Paraná como uma região nova e próspera. Esse discurso fortalecia uma noção de vazio demográfico (Gonçalves, 1999), apagando o que poderia ter vindo anteriormente à chegada da Companhia, fazendo com que a história de Maringá fosse contada conforme os interesses privados.
A Companhia, a produção de café e o pioneiro são elementos centrais para guiar a história do município (Leal, 2011). No segundo semestre de 2025, fui até o escritório do Patrimônio Histórico de Maringá e fui apresentada às fichas de pioneiros da cidade. A primeira contava a trajetória de um migrante vindo do estado de Pernambuco que empreitava terras e foi responsável por guiar um conjunto de trabalhadores – muitos deles também nordestinos – que chegavam ao município para se dedicar à derrubada de mata.

Mais do que isso, foi possível observar que, apesar da existência dessa e de outras fichas de pioneiros vindos do Nordeste brasileiro, as duas com as quais tive contato se destacavam pelos mesmos elementos – a menção constante à CMNP, somada à apresentação do pioneiro com uma trajetória de alguém que "venceu na vida" a partir do trabalho duro. Isso fazia com que, apesar de o registro das fichas de pioneiros não restringir o grupo por marcadores sociais, como o de classe, se notasse um certo padrão nos perfis reconhecidos.

Sendo assim, as lacunas na narrativa oficial não se tratavam apenas de uma questão de preconceito regional, mas de uma forma de perpetuar a história construída a partir da companhia, ou seja, a da superação das adversidades e da acumulação de bens. Cavalcante (2013) exemplifica muito bem ao contar a história do senhor José e Dona Cergídia, casal de migrantes do Ceará que, apesar de estarem em Maringá desde 1957, não tinham sua história registrada nas fichas de pioneiros, enquanto um dos antigos patrões do Seu José recebeu a honraria de pioneiro (Cavalcante, 2013, p. 45).

Apesar de a discussão sobre a inconsistência entre história "oficial" e oral, quando se trata da figura do pioneiro maringaense, ser extensa, tanto o relato catalogado na ficha de pioneiro quanto o registro das trajetórias de vida do Seu José e Dona Cergídia comprovaram que o envolvimento dos nordestinos em Maringá não se limitou aos anos de ocupação, uma vez que os três migrantes tiveram descendentes. Segundo Fernandes (2014), com base no censo demográfico de 1970, o grupo já podia ser considerado o terceiro maior da região, mais expressivo que até mesmo os imigrantes europeus e japoneses. Além disso, a pesquisadora pôde mapear, dentro de um filtro cronológico dos anos de 1956 a 1972, 225 funções exercidas por migrantes nordestinos.

A permanência desses migrantes e a chegada de vários outros culminaram em uma cidade que ainda permite conviver com diferentes gerações dessa migração. Em Maringá, existem lugares que recorrem à memória para criar um "comércio afetivo", que usa de elementos da cultura popular e das figuras imagéticas produzidas sobre o Nordeste – muitas vezes utilizadas pejorativamente, como o sertão e o cangaço – para gerar reconhecimento. As Casas do Norte, por exemplo, encontram-se no município desde a década de 1960. Hoje, o município ainda conta com dois estabelecimentos como este, ambos geridos por famílias nordestinas, sendo que uma delas está há quase três gerações na região.

Fazendo pesquisas de caráter exploratório, descobri uma página na internet chamada "Nós-Nordestinos Culturais: o protagonismo cultural nordestino em Maringá". O site reúne manifestações culturais, entre elas, destaca-se o Grupo Folclórico Anjos da Guarda, um coletivo formado em 1995 e tombado em 2022 como Bem Imaterial maringaense, que nasceu de um descendente da migração nordestina, o Mestre Valdeir.

A descoberta das fichas de pioneiros e de pessoas que ou fizeram parte da ocupação do município, ou descendem de alguma forma dela, permite afirmar que em Maringá os migrantes criaram o que constitui os espaços de memória, dialogando com as origens e as dinâmicas de um novo território, lugares que passam a ser valorizados como afirmação identitária e recriação de territórios

culturais (Angelo, 2021, p. 97), assim como eram utilizados os símbolos nas Casas do Norte, que reivindicavam figuras como Lampião e o cangaço, para identificar a quais estados brasileiros aquela cultura pertencia. Sendo assim, mesmo com a dificuldade em acessar figuras mais idealizadas da identidade de Maringá, como os pioneiros, as conexões entre os estabelecimentos locais, somadas à presença indissociável das culturas nordestinas na cidade, fazem com que, no cotidiano, a memória dos migrantes esteja presente.

CONCLUSÕES

A presença dos migrantes nordestinos em Maringá foi numericamente expressiva nos anos de ocupação, mesmo que pouco referenciada na narrativa oficial. Essa ausência não impediu que a memória seguisse viva no cotidiano. A permanência do grupo produziu contribuições significativas para a formação cultural da cidade, como as Casas do Norte e o Grupo Folclórico Anjos da Guarda. Com isso, a pesquisa buscou discutir as trajetórias desses migrantes historicamente excluídos, ampliando o debate sobre sua permanência e impacto na formação da identidade cultural maringaense.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Simone Pereira da Costa Dourado, que me acompanhou durante toda a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANGELO, E. R. B. Impressões da São Paulo nordestina: entre territórios e identidades no imaginário coletivo. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, Varsóvia, n. 27, p. 95-112, 2021. Disponível em: https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/699. Acesso em: 5 set. 2025.

CAVALCANTE, J. J. **A presença nordestina em Maringá: memória e sociabilidade dos migrantes.** 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

FERNANDES, L. **De norte a sul e do sul a outros destinos: a presença e mobilidade nordestina no município de Maringá.** 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

GONÇALVES, J. H. R. Quando a imagem publicitária vira evidência factual: versões e reversões do Norte (Novo) do Paraná – 1930/1970. In: DIAS, R. B.; GONÇALVES,

J. H. R. (orgs.). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999. p. 88-121.

LEAL, J. L. L. (Des)Conhecida História de Maringá: novas possibilidades temáticas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 121, p. 40-45, jun. 2011. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13651. Acesso em: 15 ago. 2025.